BRIEF
DPB
0003724

3 1761 06561809 2

MIMOSO RUIZ

MOSTEIROS REAES

PALESTRA REALISADA

NA

Associação dos Conductores de Obras Publicas

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO
T. do Sacramento ao Carmo, 3 a 7

1905

MIMOSO RUIZ

MOSTEIROS REAES

PALESTRA REALISADA

NA

Associação dos Conductores de Obras Publicas

Brief
DPB
0003724

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO
T. do Sacramento ao Carmo, 3 a 7
—
1905

MOSTEIROS REAES

PALESTRA

Subordinando esta minha palestra á denominação de Mosteiros Reaes, não tenho a louca vaidade de referir-me a todos os mosteiros fundados em Portugal por iniciativa dos nossos monarchas ou de pessoa real.

O sentimento religioso d'outr'ora, o cumprimento de promessas feitas para successões á corôa e a commemoração de gloriosos feitos d'armas e importantes descobertas, povoaram o paiz com tantas e tão grandiosas edificações monasticas, que difficil seria, se não impossivel mesmo, que um só homem podesse levar a cabo o laborioso trabalho de as estudar simultaneamente, embora dispozesse de tempo e sufficientes elementos para uma empreza de tal ordem.

Falar mesmo de casas religiosas onde professaram ou estiveram por mais ou menos tempo recolhidas pessoas reaes, já constitue assumpto de tal importancia, que a insufficiencia dos meus conhecimentos e o limitado tempo de uma palestra não permitte tratal-o com a perfeição e desenvolvimento que seria para desejar.

Animado, porém, pelo acolhimento benevolo que sempre tenho recebido dos collegas e desejoso de, quanto em minhas forças couber, collaborar na realização das nossas sessões men-

saes, atrevo-me a apresentar esta modestissima resenha historica, que oxalá sirva de estimulo para que os abalizados e illustres ornamentos d'esta associação emprehendam trabalhos enriquecidos por mais profundas investigações.

Os mosteiros e conventos em Portugal pertencem hoje ao dominio da historia.

As ordens monasticas, que a principio se estabeleciam nos pequenos e humildes conventinhos, edificados em logares ermos e escarpados, captivando pela sua pobreza, caridade e abnegação, transformaram-se mais tarde com a ambição do poder e da grandeza em esplendidos edificios, convertendo muitas vezes os oasis de religiosa e poetica melancholia que os cercavam em vastos e riquissimos coutos, onde iam prestar preito e homenagem as mais elevadas camadas sociaes.

Em Portugal, os conventos desenvolveram-se e por tal fórma se multiplicaram que só no continente chegámos a ter mais de seiscentas clausuras; e tantas eram na India, que o Vice-rei D. Manoel de Noronha informava a Filippe III existirem em Gôa mais frades que soldados.

Diversa era a indole dos habitantes d'essas numerosas casas religiosas.

Havia além de frades ignorantes e mandriões, que depois de se recrearem nos refeitorios levavam com o fanatismo a desordem ao seio das familias, outros que meditando pelos claustros os interesses da communidade, prégavam sermões cheios de requintada rhetorica, dominando as consciencias e influenciando ainda nos dominios da politica.

Ordens existiam, porém, formadas por frades intelligentes, que na solidão das suas cellas se entregavam a proveitosos estudos, produzindo obras de sã doutrina e muitas outras que hoje são verdadeiros monumentos da nossa litteratura.

Uma das principaes causas de decadencia d'essas instituições, foi, como sabeis, a corrupção da disciplina conventual.

A religião transformou-se em vil commercio, empregando-se os mais ardilosos recursos para enriquecer as communidades com as doações e heranças dos fanaticos.

As reliquias, bentinhos e registos vendiam-se por alto preço e das sepulturas d'aquelles que morriam com cheiro de santidade, manavam em abundancia oleos medicinaes que se trocavam por fabulosas quantias.

Os votos de castidade nem sempre eram cumpridos, principalmente nos conventos de freiras, muitas das quaes, na força da vida se enclausuravam, não por vocação monastica, mas obrigadas por indicação de directores espirituaes e interesses ou caprichos de familia. Espreitavam pelas grades as tentações do mundo, quando no proprio locutorio não eram requestadas e seduzidas pelos amadores freiraticos.

A liberdade do pensamento e a civilização moderna, vendo nas ordens monasticas não só um tropeço aos progressos sociaes, mas ainda o desprestigio da propria religião, extinguiram-n'as; e todas as tentativas que se fizerem para as restabelecer não lograrão o seu fim.

Resuscitar os costumes monacaes, ainda que mascarados com outra organização, seria retroceder setenta annos.

Quem a tal se propozer, por mais alta que seja a sua importancia social e politica, caírá no geral desagrado, levantando no paiz uma lucta gigantesca de que não será facil prever as desastrosas consequencias.

Para administrar a religião e coadjuvar as missões nos dominios coloniaes, basta-nos o clero secular educado nos nossos seminarios.

Os homens, que muitas vezes se tornavam nos claustros verdadeiras inutilidades, espalham-se hoje pelos grandes centros da actividade humana, tornam-se proveitosos ao engrandecimento do paiz.

As mulheres, que em nome d'uma falsa religião abandonavam os seus, para na obscuridade da clausura se tornarem algumas vezes miseras pecadoras, veem hoje — por que lhe diz o verdadeiro Christianismo: Ama, e sê o anjo do lar — lançar-se nos braços do esposo, acariciar o filho e fundar asylos e escolas; convertendo-se n'um elemento de civilização na sociedade e de moralidade na familia.

Lorvão. — Entre os nossos mais antigos e celebres edificios religiosos de que restam ainda valiosas reliquias, impondo-se ao nosso piedoso respeito, está o primeiro convento Benedictino que existiu em Portugal, conhecido pelo mosteiro de Lorvão.

Sua fundação é tão antiga que, atravez da obscuridade dos seculos, se não póde precisar a data em que foi construido, havendo quem a attribua ao bispo de Coimbra Lucencio e remontando-a outros ao dominio dos alanos no reinado de Ataces.

Fr. Bernardo de Brito, na Chronica de Cister, diz ter visto escripto n'um livro da casa benedictina o seguinte: «*Domus nostra Lurbani constructa fuit vivente patre nostro Benedicto, ei dedicata sanctis martyribus Mameti, et Plagio*», mas a fundação do convento em tempo de S. Bento é contestada por muitos escriptores.

Do que não resta porém duvida, é que já existia quando os mouros dominaram a Lusitania, e que, ao apoderarem-se de Coimbra, a fim de que os monges não soffressem vexames, estes se obrigaram a pagar-lhes tributo de que mais tarde os isentou Aliboacem pela lei que vem transcripta na Benedictina Lusitana, e de tal fórma se estreitaram as relações entre os mouros e os monges, que aquelles assistiam ao jantar da communidade, como o escreve Gasco na Conquista e Antiguidades de Coimbra.

D'essa intimidade, e do conhecimento das poucas forças e recursos de que os musulmanos dispunham, aproveitaram os monges para informar Fernando Magno de que era propicia a occasião de marchar com o exercito sobre Coimbra, onde com o auxilio dos religiosos foi em 28 de julho de 1064 substituido o crescente musulmano pela bandeira castelhana.

Para remunerar os religiosos dos serviços prestados, além da doação da herdade de S. Martinho, cuja copia vem na noticia historica do mosteiro da Vacariça, foram enriquecidos com largos privilegios e proventos, que mais pareciam senhores feudaes que modestos religiosos.

Em 1190 celebrou-se em Bragança o casamento de D. Thereza, filha de D. Sancho I com seu primo D. Affonso IX de Leão, sem que o pontifice tivesse concedido a competente dispensa de parentesco.

Passados cinco annos e vendo-se os dois povos opprimidos pela peste e pela guerra, começaram a attribuir esses flagellos ao casamento que se fizera, pedindo ao pápa que despachasse um breve para separação dos conjuges.

O cardeal Guilherme de S. Angelo, como legado da Sé, convocou em Salamanca junta de Bispos para intimação da sentença; mas, não sendo obedecidos os preceitos do delegado apostolico, foi promulgada a excommunhão.

D. Affonso declarou-se rebelde á Egreja, fazendo pazes com os mouros, vendo-se por isso D. Sancho obrigado a declarar-lhe guerra e celebrar em Trancoso a convenção difinitiva do divorcio, estipulando-se as propriedades e rendas que deviam ficar á rainha divorciada.

Foi n'esta conjunctura que, resolvendo D. Thereza recolher-se a um convento, D. Sancho, violenta e despoticamente, transferiu os benedictinos de Lorvão para Pedrosa.

Appellaram os religiosos para Innocencio III que, apesar de tanto distinguir o nosso reino, se viu forçado, por um sentimento de justiça, a restituir-lhes o convento e só mais tarde para elle voltou a rainha, estipulados, com todas as fórmas de direito, os encargos a cumprir para com os legitimos possuidores.

Como descreve o Agiologio Lusitano, foi a 24 de dezembro de 1200 que D. Thereza tomou posse do mosteiro, lançando-lhe o abbade de Alcobaça o habito de Cister, e apesar do chronista Brandão, apoiando-se no breve de Gregorio IX, dizer que professára, ainda existem com justificadas razões, duvidas se a rainha foi uma simples religiosa ou uma freira professa.

N'esse breve, passado 31 annos depois da posse do convento, apenas se confirma a creação no mosteiro da Ordem de Cister e que D. Thereza tomou habito.

Parece estranho que tendo a rainha professado, continuasse na administração de sua immensa fortuna e que, contra o rigor das ordens religiosas, a vejamos primeiramente na villa de Montemór fortificando-a para se defender de seu irmão D. Affonso, depois em Valença disputando partilhas com D. Berenguella e finalmente em Alemquer, dispondo dos bens de sua fallecida irmã D. Sancha.

Tivesse ou não professado pouco importa; em vista porém da sua vida accidentada e sempre ambiciosa de maiores rendimentos, podemos dizer que D. Thereza viveu mais ao mundo senhoril que monastico.

Falleceu a rainha a 17 de junho de 1250, sendo sepultada em tumulo de pedra que ella propria mandou construir junto do de sua irmã D. Sancha e no qual se lhe poz o epitaphio: «Aqui descança a rainha D. Thereza filha del Rei D. Sancho I de Portugal, a qual havendo sido casada algum tempo com El Rei de Leão Dom Affonso IX, annullado o Matrimonio, despresando as cousas do Mundo, vestindo o Habito Cisterciense n'este convento de Lorvão, que por sua industria passou dos Monges de São Bento para as religiosas de São Bernardo; e perseverando nelle mais de vinte annos, falleceu com muytos applausos de prudente, generosa, e modesta, cheia de muytas virtudes, e com maravilhosos prodigios de santidade no anno do Senhor 1250»,

Mais tarde, sendo abbadessa a neta d'el rei D. Manuel, D. Bernarda de Alencastre, foram as sepulturas removidas para junto da parede do corpo da egreja da parte da Epistola, onde depois, e sobre as mesmas campas, a madre D. Catharina da Silva construiu uma capella á Senhora do Rosario.

Foi o cardeal D. Henrique que principiou a tratar da beatificação, exortando D. Sebastião a promovê-la; mas, pela infeliz jornada d'Africa e suas desastrosas consequencias, ficou o processo paralysado, até que em 1695, vendo as freiras que se havia beatificado Santa Joanna, enviaram a Innocencio XII, como procurador, o doutor chronista-mór do reino Fr. Bernardo de Castello Branco para tratar do assumpto, reforçando o seu pedido com cartas de D. Pedro II e D. Maria Sophia para que a beatificação abrangesse D. Mafalda.

Feitas as inquirições do estylo e concluido o respectivo processo no pontificado de Clemente XI, foram beatificadas por *Nivœ vocio oraculo* em 13 de setembro de 1704 e depois confirmada a canonisação por bulla de 24 de dezembro do seguinte anno.

Em 19 de outubro de 1715 e por iniciativa da abbadessa D. Bernarda Telles de Menezes, foram solemnemente trasla-

dados os restos mortaes das duas santas para a capella mór e collocados em dois magnificos cofres de prata construidos no Porto por Manuel Carneiro da Silva e dos quaes no Portugal Glorioso se encontra minuciosa descripção.

Como se diz na Historia Genealogica, esteve freira em Lorvão D. Filippa de Portugal, filha do Prior do Crato D. Antonio.

Tambem foi abbadessa d'este mosteiro a infanta D. Branca, filha de D. Affonso III e que, segundo dizem os chronistas Ruy de Pina e Nunes de Leão, manteve estreitas relações com Pedro Esteves, carpinteiro, de quem teve João Nunes do Prado, que foi mestre de Calatrava e mais tarde decapitado por ordem de Pedro I de Castella. D. Branca foi depois transferida para o abbadessado das Huelgas de Burgos onde se encontra sepultada.

Estes e outros exemplos preverteram a disciplina e tanto ella desceu aqui e depois nos outros conventos, que nas ordenações manuelinas se estabelecem rigorosos castigos para cohibir taes escandalos; mas nem as multas impostas, nem a propria pena de morte impediram esses desregramentos, principalmente em Lorvão onde uma linhagem Eça se reproduzia constantemente, a ponto de D. João III dirigir de Cintra, em 31 d'agosto de 1543, ao doutor Balthazar de Lima, uma carta para que este nosso ministro em Roma informasse ao pontifice que o convento de Lorvão, com 160 mulheres, se transformára n'um serralho. Este escandaloso mas interessante documento, que por extenso o não transcrevo, encontra-se na real bibliotheca d'Ajuda e publicado no tomo V do Corpo Diplomatico Portuguez.

O tempo, que tudo aniquila, arruinou o edificio primitivo e o que hoje lá existe deve ser do seculo XVII, embora conserve inscripções de mais remota época.

N'esses claustros, outr'ora povoados de garridas monjas e noviças, apenas existiam ultimamente umas recolhidas velhinhas, achacadas e cheias de privações, que morreriam de fome se Alexandre Herculano e Camillo Castello Branco, os estigmatisados de cynicos e atheus, não tivessem intercedido por ellas, cedendo o ultimo em seu favor uma parte do producto das suas publicações.

A egreja de Lorvão, apesar das modificações por que tem

passado, é de architectura elegante e sumptuosa. Tem, além d'um lindissimo côro formado por preciosa obra de talha, boa capella-mór e altares ornamentados por valiosos retabulos de Pascal Parente.

Por estas razões e ainda pelas muitas memorias historicas que lhe dizem respeito, está classificada monumento nacional.

Vejamos agora porque razão D. Sancha se encontra sepultada n'esta egreja.

Cellas.—D. Sancha, que nasceu em 1176, não foi, como diz Bernardo de Brito, a filha mais nova de D. Sancho I; depois d'ella nasceram Mafalda, Branca e Berenguella, que ficaram a seu cargo por morte de D. Dulce.

Por fallecimento de seu pae tomou posse da Villa de Alemquer, cuja doação lhe foi confirmada em testamento, installando-se n'um palacio construido na parte mais elevada da povoação.

Tendo-se affeiçoado a umas senhoras conhecidas pelas *Encelladas*, que apesar de não serem professas viviam em rigorosa clausura na encosta do castello e no local em que mais tarde se fundou a egreja da Senhora da Rotunda, dispensava-lhe protecção, visitando-as amiudadas vezes e provendo-as de tudo para que não vivessem na miseria.

Tentando D. Affonso despojá-la de Alemquer, como já tinha procedido com D. Thereza em Montemór, oppoz-lhe ella, instigada por sua irmã, uma forte resistencia; mas sendo esta princeza dotada de mais pacifico genio, preferiu recorrer a Innocencio III para que resolvesse a contenda, e promettendo, emquanto se não fizesse arbitragem, recolher ao mosteiro de Lorvão.

Tomando gosto pela vida monastica, resolveu fundar um convento da mesma ordem, escolhendo para esse fim a quinta de Uvimarães, nos arrebaldes de Coimbra, onde hoje se vê o celebre mosteiro de Cellas, nome derivado das Encelladas de Alemquer que para elle foram transferidas.

N'esta época reinava em Castella S. Fernando, que além de molestado pela nobreza, era ainda perseguido por seu pae D. Affonso de Leão que ambicionava desthroná lo. Este rei reconhecendo quanto importante seria o auxilio de Portugal para

lhe assegurar a corôa, sollicitou, por conselho de D. Berenguella, sua mãe, a mão da princeza D. Sancha.

Apesar de todos os esforços empregados por D. Affonso para que se effectuasse o casamento, D. Sancha recusou, e receiosa de ser obrigada por seu irmão, a contrair matrimonio, fez com que D. Pedro, bispo de Coimbra, lhe lançasse o habito de S. Bernardo, professando immediatamente e recolhendo-se aos seus paços de Alemquer, até que concluido o mosteiro de Cellas para elle se retirou, fazendo doação do seu palacio aos frades que se encontravam no pequeno hospicio de Santa Catharina, para n'elle fundarem o convento de S. Francisco.

Diz-se que D. Sancha depois d'esta doação edificou uma casa para quando fosse a Alemquer; se assim foi, nunca n'ella habitou, porque depois de entrar para Cellas ahi se conservou e falleceu em 13 de março de 1229, sendo no dia seguinte trasladada, por determinação de D. Thereza, para Lorvão onde jaz e não para Santa Cruz de Coimbra, como erradamente se encontra em Ruy de Pina e Duarte Nunes.

Na sepultura esculpiu-se em lingua latina o epitaphio seguinte:—«A Infanta Dona Sancha filha del Rey Dom Sancho I de Portugal, que em todo o discurso de sua vida applicada a obras de virtude consagrou a sua virgindade ao Senhor, seguindo a vida monastica no Convento de Cellas, que edificou junto aos muros de Coimbra; e resplandecendo nelle com os ornamentos das mayores virtudes, e fama de grande santidade, falleceo no anno do Senhor de 1229, foi trasladada por sua Irmãa para este Templo de Lorvão e repousa neste tumulo.»

Por occasião do Interdicto geral em Portugal foi a egreja de Cellas a unica que obteve licença para celebrar officios á porta fechada.

Arouca. — Das casas monasticas habitadas pelas filhas de D. Sancho resta fallar do mosteiro de Arouca, onde se recolheu D. Mafalda, que tendo sacrificado a mocidade ao capricho das conveniencias politicas e tendo-se salientado das irmãs pela correcção d'um caracter justiceiro e compassivo, tem sido todavia a menos cuidada por quasi todos os chronistas.

Brito diz que o mosteiro de Arouca lhe foi doado por seu

irmão; Nunes de Leão, que ella o fundou; Cardoso e Pina que seu pae lhe fez o casamento; e muitos escriptores antigos e modernos que se divorciou do marido por ter feito voto de castidade.

Orphã de paes aos 17 annos, pois que nasceu em 1195, vivia no palacio de D. Affonso que, cruel perseguidor de todos os seus irmãos, tinha por Mafalda uma predileção especial a ponto de lhe deixar possuir pacificamente as rendas de Arouca, Bouças e Ceia que lhe doára D. Sancho.

D. Alvaro de Lara, grande potentado de Hespanha e preceptor de D. Henrique I de Castella, receioso pelos muitos émulos que tinha contra si, de perder o preponderancia de que se achava revestido, conseguiu, auxiliado pela nobreza da sua parcialidade, que o nosso rei deliberasse casar sua irmã com o de Castella, celebrando-se o consorcio na cidade de Palencia e ficando os conjuges separados até que El-rei attingisse edade de consumar matrimonio.

D. Berenguella, tutora de seu irmão, que não approvára tal casamento e temendo ainda a influencia dos Laras em todos os negocios da corôa, recorreu a Innocencio III para invalidar o matrimonio; e quando D. Moninho e D. Tello, bispos de Burgos e Palencia, como delegados apostolicos, propunham ao papa a nullidade do casamento, morria quasi repentinamente o joven rei em resultado de desastre no jogo da pella.

Encontrando-se viuva, voltou para Portugal resolvida a seguir o exemplo de suas irmãs, escolhendo para esse fim o mosteiro existente no seu padroado de Arouca e que havia sido fundado no dominio dos Godos, por Loderigo e Vandilo para o doarem a monges que orassem por suas almas, mas con servando todavia o direito de padroado. Mais tarde foi o mosteiro vendido pelos herdeiros dos fundadores a um fidalgo chamado Ansur e sua mulher D. Eleva, que depois de o reedificar e ampliar, o offertaram a Hermegildo, abbade da ordem de S. Bento, para viver n'elle com seus monges.

Ficando viuva D. Eleva fundou junto a este convento um recolhimento de beatas e que se serviam da egreja primitiva.

Sendo mais tarde expulsos os monges, pelo seu mau comportamento, ficaram as freiras na posse de todo o edificio.

N'estas condições estava o mosteiro quando D. Mafalda a elle se recolheu de commum accordo com as freiras e o consentimento do bispo de Lamego, que por ter n'elle jurisdição foi largamente recompensado dos direitos que perdia; reformou-o á ordem de Cister e ahi viveu por largos annos na mais rigorosa obediencia monastica, distribuindo por toda a parte esmolas, fundando hospicios, reedificando templos, e por isso, quando essa octogenaria rainha, nas suas annuaes romarias a N.ª S.ª da Silva, percorria encostada ao seu bordão as ruas da cidade do Porto, todos a recebiam de joelhos com preces e orações como se tivesse já a consagração lithurgica.

Os seus ultimos momentos, na aldeia do Rio Tinto, são o mais frizante exemplo de resignação christã e o seu testamento que ainda existia no mosteiro, quando Alexandre Herculano ali foi examinar o archivo, era considerado um importante documento pelas curiosas clausulas que continha.

Parece estranho que conseguindo-se tão facilmente a beatificação das rainhas Thereza, Sancha, Isabel e Joanna, Mafalda, apesar de todas as diligencias feitas por D. Affonso V e Filippe II, só tivesse sido canonisada no reinado de D. Maria I.

Na chronica de Cister e na Lenda historica do illustre engenheiro e poeta, sr. conselheiro Araujo e Silva, se encontra integralmente em latim a inscripção da primitiva sepultura que aqui transcrevo em portuguez e que não foi reproduzida no mausoleo de jaspe que lhe mandou construir D. Filippe II e onde se conservou até ser trasladada na data da sua canonisação para um formoso sarcophago de ebano e prata burilada em que actualmente se encontra, exposta á veneração dos fieis que ali vão em romaria nos dias 23 e 24 de agosto.

«Aqui jas sepultada a illustre Rainha Dona Mafalda, a quem sua propria bondade concede graça infinita. Posto que reynou em Castella vistão na em trajos de donzella, por que permaneceo em pureza virginal, para se livrar da segunda morte. Servio a Christo em quanto esteve neste Mundo, dando a todos grandes exemplos de bondade, e a pobres banquetes abundantes, dinheyro, e vestidos, como testificão seus dons. Esta foy humilde, branda, inimiga de obras reprehensiveis. Resplandeceo fundada em bondade, e por isso não purga hoje

crime algum. Foy com todos discreta, e branda, em obra, palavra, verdadeyra, piedosa, honesta, devota, modesta, e sabia. Foy magnanima, e amiga especial dos Padres Santos, que celebra a fama dos bons costumes. Enriqueceo muytos Lugares, e reparou este, em que estamos, pondo nelle Religiosas, em companhia das quaes viveo sem crime algum. Está sem duvida alguma esta Rainha em companhia dos Santos, alegra-se com razão, porque está na Cadeyra do Céo — A Era, em que passou esta molher pura, e Santa da vida, foy a de 1290. Que são annos de Christo 1250.»

Por informações obsequiosamente recebidas ha quatro annos do paracho d'Arouca, Snr. Correia e Souza, ainda ali existe o antigo tumulo e parece que a primitiva inscripção, cujas pedras se acham mutiladas pelos romeiros que, desejando possuir reliquias da sua peregrinação, lhe arrancam fragmentos.

Conveniente será que os poderes competentes evitem o vandalismo, salvando a tempo essas importantes reliquias.

Sendo considerada monumento nacional a egreja de Lorvão, tambem o devia ser a de Arouca que contém ainda preciosidades artisticas.

Se a primeira se avantaja pela sumptuosidade de sua architectura, ambas se equiparam em recordações historicas.

Se D. Thereza, minada de saudade pela separação do esposo e dos filhos, foi depôr a sua palma de martyrio no mosteiro de Lorvão, pertença dos monges de S. Bento que com escandalo foram expulsos do convento, tambem D. Mafalda, viuva d'um rei de doze annos, trocando o manto regio pela tunica grosseira, foi curvar a fronte, ainda cingida pela grinalda virginal, á mais rigorosa obediencia monastica no convento de Arouca, que por legal e amigavel contracto adquiriu e reformou.

Se na lista dos subsidios para a classificação dos monumentos existe o *Arco de Pendurada*, por dizer a lenda ter ali descançado a mula que conduzia o corpo da rainha, como deixar de ser classificado monumento nacional o sarcophago que encerra seus venerandos despojos?

Varatojo. — A par dos grandiosos mosteiros fundados por iniciativa regia não deixa de occupar um logar relativamente

importante, pelas suas recordações historicas, o pequeno conventinho de St.º Antonio que hoje vemos na pobre aldeia do Varatojo, outr'ora povoação nobre e povoada de magnificos edificios de que apenas resta e já arruinado o palacio que pertenceu ao marquez de Louriçal.

Foi na quinta e matta annexa, que D. Affonso V tinha n'este logar, que os frades franciscanos, auxiliados pelo monarcha, construiram um convento.

Antonio da Fonseca Soares, natural da Vidigueira, homem instruido, poeta distincto e soldado corajoso, que tão notavel se tornou na côrte de D. João IV e D. Affonso VI pelo seu genio turbulento e vida desregrada, trocou a farda de capitão pelo borel franciscano, professando, com o nome de Fr. Antonio das Chagas no convento de S. Francisco da cidade de Evora, e depois de se tornar um religioso exemplarissimo, recolheu ao convento de Varatojo, que por bulla pontifical e beneplacito regio transformou em congregação de Missionarios Apostolicos. Ainda lá se conserva a cella em que viveu e morreu esse varão eminente, que tanto illustrou o pulpito e a litteratura patria.

Além de Fr. Gaspar da Encarnação (D. Gaspar de Moscoso). Fr. José d'Assumpção (José Valerio) e de D. Fr. João do Nascimento, teem saido d'esse seminario virtuosos sacerdotes, que na sua humildade christã e heroica abnegação affrontam todas as inclemencias, expondo a propria vida para nas nossas mais selvaticas possessões apostolarem o christianismo, e ainda hoje os que lá existem, apesar de tudo que se diga para os desprestigiar, ensinam gratuitamente o povo e repartem as suas parcas refeições com os pobres da localidade, tornando-se por isso dignos de gratidão e respeito. Quando D. Affonso V, derrotado na batalha de Toro, viu perdidas as suas ambições e obrigado pelo Tratado de Alcantara a internar a noiva n'um convento, resolveu renunciar á corôa e occultar as suas maguas e desenganos nas solidões do Varatojo cuja fundação auxiliára.

Não tendo, porém, sufficiente energia para se despojar da purpura real, mas lutando sempre com a ideia da penitencia, aprazia-se em visitar o mosteiro, onde se conservava semanas inteiras entregue a profunda contemplação.

Annos depois, abria novamente este convento as suas portas a D. João II e D. Leonor, que arrastados de magoa pela desastrosa morte de seu filho, iam buscar resignação e conforto n'esse austero recolhimento.

Pela extinção das ordens religiosas foi este edificio vendido ao barão da Torre e depois adquirido pelo reverendo Joaquim do Espirito Santo, que ficou dirigindo o seminario, coadjuvado por outros padres que tinham sido antigos religiosos n'aquella congregação.

A egreja, que é pequena e de singela architectura, contém todavia alguns quadros antigos e uma boa imagem de N.ª S.ª das Graças, feita no Porto pelo habil esculptor Lacerda.

Na espessa matta da cerca d'este convento havia uma curiosidade natural a que veio juntar-se uma lenda religiosa.

Na cavidade do tronco d'um colossal sobreiro, diz-se terem encontrado os frades, quando fundaram o mosteiro, uma imagem da Virgem, que o Sanctuario Mariano julga ter sido ali depositada pelos inglezes que ajudaram D. Affonso Henriques na tomada de Lisboa. Na toca foi levantado um altar para se collocar a imagem, até ser mais tarde trasladada para a ermida que se construiu com a invocação de N.ª S.ª do Sobreiro, onde inda hoje é venerada pelo povo. D'esse esplendido exemplar do reino vegetal, que um raio fendeu e um temporal destruiu, resta apenas o tronco que se conserva como recordação da lenda.

Santarem.—O conde de Barcellos e seus partidarios, que por calumniosas intrigas arrastaram o inexperiente D. Affonso V a essa vergonhosa lucta nos campos de Alfarrobeira, conhecendo ainda o capricho dominante d'El-rei em crear fama de cavalleiro e cruzado, lisongearam-lhe os desejos levando o para as aventuras africanas, nem sempre bem succedidas, onde se esgotaram quasi inutilmente as forças dos subditos portuguezes e os melhores recursos do paiz.

Não lhe servindo de lição os revezes succedidos, ambicionou sentar-se no throno de Castella; e para mais facilmente realizar os seus desejos casou com sua sobrinha D. Joanna, filha primogenita de Henrique IV, que apenas contava 13 annos.

Os hespanhoes lutando pela sua independencia, derrotaram os portuguezes em Toro, e os reis Catholicos usurparam a corôa de Castella reunindo-a á de Leão.

D. Affonso, ferido nos seus brios de cavalleiro, na ambição de rei, no pundonor de portuguez e nas affeições de esposo, entregou-se, como já vimos, a uma vida quasi de penitencia; e a infeliz D Joanna, expulsa do throno que lhe pertencia, separada do marido por annullação do casamento e calumniada ainda de filha adulterina, é obrigada a internar-se, com o titulo de Excellente Senhora, n'um convento de Santarem, cuja fundação historiaremos resumidamente.

Uma senhora nobre, chamada D. Elvira Duranda, fundou nas casas que possuia um pequeno convento ao redor do qual vinte donzellas construiram diversas moradas onde se recolheram.

Querendo mais tarde os frades franciscanos apoderar-se d'essas cellas trataram as emparedadas de fazer apressadamente uma cerca, ficando em clausura commum sob o titulo de Donas da Santissima Trindade e debaixo das ordens da prioreza Sancha Martins; resolvendo annos depois mudar a residencia para um mosteiro que os frades dominicanos tinham principiado a construir á porta de Manços e que gratuitamente lhes cederam. Em signal de gratidão tomaram as religiosas a regra de S. Domingos, mas conservando o habito de Santo Agostinho até que Clemente V lhes auctorizou a mudança da ordem e substituição de habito, continuando, porém, a conservar a denominação de Donas.

Este convento foi ampliado por D. Estevainha Pires, que lhe construiu a egreja, cuja capella mór servia de jazigo aos condes de Unhão, que residiam em Santarem no palacio em que depois se estabeleceu o paço patriarchal.

N'este mosteiro falleceu, em 28 de fevereiro de 1666, para onde tinha entrado tres annos antes, a rainha D. Luiza Francisca de Gusmão, viuva de D. João IV. Não foi aqui que professou Santa Joanna, como dizem alguns historiadores; pouco depois de se ter recolhido n'este mosteiro passou como veremos, para o de Santa Clara de Coimbra.

Entre os quinze mosteiros que existiam em Santarem, encontrava-se o das religiosas de Santa Clara fundado por D. Affonso III. A egreja formada por tres naves com columnas de pedra adornadas de arabescos dourados, é grande e contém riquissimas capellas. O côro ornamentado de bons quadros e pinturas tem ao fundo, sob um arco, o mausoleo de D. Leonor Affonso, filha natural de D. Affonso, e que foi freira n'este convento. O epitaphio erradamente lhe dá o titulo de infanta e lhe attribue a fundação d'esta casa religiosa.

Junto á sachristia existe um outro tumulo, com armas reaes, tendo sobre a campa a estatua d'um cavalleiro em acção de arrancar da espada e legenda em que se diz ali jazer o infante D. Henrique, filho do fundador; mas não tendo El-rei descendente algum com esse nome, tudo leva á supposição que ali esteja D. Martins Affonso, filho bastardo havido d'uma mourisca, de quem procedem os Souzas Chichorros e que tinha, quando falleceu, duas irmãs n'esse recolhimento.

Tem-se dito, e assim o descreve a brilhante penna de Almeida Garrett, (*Viagens na minha terra*) que na capella mór d'esta egreja, depositaram os franciscanos, quando expulsos do seu convento, o cofre com os despojos de S. Gil; todavia, o facto não se passou como geralmente se descreve. A sepultura do Santo foi, effectivamente, como muitas outras, violada; alguem de Santarem, receioso de maior profanação guardou muito em segredo essas reliquias, entregando-as mais tarde aos marquezes de Penalva, que, com a competente auctorisação, depositaram os despojos de tão illustre ascendente na capella do seu palacio em Lisboa onde lhe celebram culto por provisão do patriarchado.

Santarem, que tanto se salienta por ter sido berço de muitos filhos illustres e benemeritos, pela memoria de gloriosos feitos e pelo grande numero de importantes monumentos d'arte e valiosas antiqualhas, tem sido tambem a povoação onde menos respeito tem havido pela conservação de passadas grandezas e onde se tem commettido os mais criminosos vandalismos.

Sumptuosos templos de classica architectura e historicos edificios transformaram-se em theatros, praças de touros e quarteis.

Tumulos de reis e cidadãos, por todos os titulos notaveis, violados, arrancados de seus primitivos logares e entregues ao mais completo abandono.

Torres celebres e arcos de triumpho, demolidos para alargamento de ruas e aproveitamento de materiaes.

Para attenuar a vergonha que nos causa estes desvarios do passado, resta-nos ao menos a esperança de poder d'ora avante salvar da ignorancia e da cubiça valiosos vestigios que ainda restam.

O museu districtal, ali creado por iniciativa do conselheiro José Ferreira da Cunha e Souza, depois de ter adquirido e restaurado a egreja de S. João de Alporão, estabeleceu n'ella a sua secção archeologica, onde se teem collecc'onado todos os objectos notaveis pelo seu valor historico e artistico; e as commissões delegadas do museu não só vigiam com interesse a conservação do que ainda existe de bom, mas diligenceiam que voltem para Santarem alguns tumulos e outras antigualhas que sairam do districto.

Coimbra. — Voltemos novamente a Coimbra. Antes porém de passar aos seus pittorescos e historicos arrabaldes, contemplemos por momentos o mosteiro de Santa Cruz, coevo com a fundação da monarchia.

A pedido do arcediago D. Tello, lança D. Affonso Henriques, ainda infante, a pedra fundamental do Mosteiro em 28 de Julho de 1131, no local denominado Banhos da Rainha e proximo da pequena egreja da invocação de Santa Cruz.

Passado um anno e achando-se concluido o edificio, recolheram-se a elle, com a regra Agustiniana, D. Tello, D. Miguel prior da Sé, D. João Peculiar e D. Theotonio prior de Vizeu, que assim congregados tomaram o habito de Conegos Regrantes de Santo Agostinho.

D. Affonso, já de ha muito respeitador do sabio conselheiro D. Theotonio, desejando recompensar ainda o bravo conquistador de Arronches, edificou-lhe em poucos annos novo e es-

paçoso mosteiro e tomando o habito de conego regrante, muitas vezes o glorioso vencedor de Ourique acompanhava a communidade nos officios religiosos.

Pela reformação mandada fazer por D. Manuel, sob o risco e desenho de João de Ruão, transformou-se este mosteiro n'uma das mais sumptuosas casas monasticas.

Nenhum possuia ao tempo tão grandiosa cerca povoada de soberbos carvalhos e loureiros, cascatas magestosas e porticos coroados de magnificas estatuas.

Pela extincção das ordens religiosas foi vendida essa propriedade e barbaramente transformada em terrenos de cultura, destruindo-se e abandonando-se algumas das obras d'arte que tantos esforços e cabedaes tinham custado.

O magnifico templo e elegante sachristia, apesar de esbulhados de bons quadros e ricas alfaias, contém ainda muitas preciosidades, entre as quaes se destacam o primoroso pulpito e os tumulos de D. Affonso e D. Sancho I.

N'esse mosteiro onde se hospedava D. João III depois de ter cedido o paço da Alcaçova para installação da Universidade, foram educados os filhos bastardos de D. João V, (meninos de Palhavã) e o prior do Crato D. Antonio, esse infeliz e heroico portuguez, que tendo morrido no exilio por defender a patria do ignominoso jugo dos Filippes, ainda se conserva sepultado n'uma egreja de Paris, quando já devia ter sido trasladado para Portugal, como pediu em suas disposições testamentarias.

Saindo de Coimbra e atravessando a ponte para o lado de Lisboa, encontramos á esquerda, em frente d'um campo coberto de hortas e arvoredos e quasi submergidas pelas areias do Mondego, as vetustas ruinas d'um paço e mosteiro por todos os titulos illustres e cheios de historicas recordações.

D. Mór Dias, senhora rica e muito nobre, desejando clausura mais rigorosa que a do mosteiro das Donas de Santa Cruz, fundou no dia 28 de abril de 1286, em um terreno de que era proprietaria, um pequeno convento de que tomaram posse as freiras de S. Francisco, dando-lhe a invocação de Santa Clara.

Tendo fallecido 25 annos depois a fundadora, os conegos

de Santa Cruz, a titulo de que D. Mór havia professado em sua regra, apossaram-se do convento, guardaram para si os bens, que eram rendosos, e dispersando as religiosas por varios mosteiros, entregaram o edificio aos frades franciscanos.

Apoz tres annos d'um renhido pleito, apparece como arbitro de paz a rainha D Isabel, que a contento das partes litigantes reivindica o convento ás franciscanas, edifica novo templo, augmenta o edificio e consigna da sua fortuna pessoal abastadas rendas para a communidade.

Ao lado, um pouco separado do mosteiro, funda um hospital, e entre estes dois edificios de religião e caridade estabelece os paços de sua residencia, onde com o habito franciscano, que vestiu em Santarem no dia em que falleceu D. Diniz, passou a viuvez sugeitando-se a todas as austeridades da ordem.

Esta excellente senhora, que ligou o seu nome á fundação de tantos mosteiros e hospitaes e que por ser uma caridosa protectora da pobreza alcançou a veneração de todos os seus comtemporaneos e depois a beatificação da egreja, nem sempre tem sido bem tratada por alguns escriptores modernos, que, não contentes em desprestigiar os seus actos, chegam ainda a beliscar-lhe a reputação. Pouco avisado me parece andar quem, desprovido de documento authentico, enegreça uma reputação solidamente estabelecida, baseando-se apenas em baixas e lendarias intrigas de escudeiros.

Como se póde presumir, que movida pelo ciume tivesse fomentado as discordias do infante com El-rei e o odio para os irmãos naturaes, se ella propria os congraçava, harmonizava pleitos entre os principes de Castella, livrava Portugal das devastações d'uma guerra civil e educava ainda com disvelo os proprios filhos bastardos do marido?

Não convém aos escriptores portuguezes depremi-la em sua historia, quando a de Aragão a enaltece; e os francezes, apesar de todo o seu patriotismo, a consideram mais gloriosa para nós que S. Luiz para elles.

De Santa Clara de Santarem veio para este convento, onde professou, a rainha D. Joanna de quem já falámos e n'esta mesma casa religiosa se recolheu a infanta D. Isabel, filha de

D. Pedro III de Aragão e falleceu de tenra edade a filha de D. Affonso IV, D. Isabel, que estava entregue aos cuidados de sua avó Santa Isabel.

Aqui se celebrou o consorcio de D. Duarte, depois rei, com D. Leonor de Aragão.

Como este edificio ameaçasse desabar, em virtude dos estragos causados pelo rio, mandou D. João IV edificar um outro no monte de N.ª S.ª da Esperança, sendo encarregado do projecto o engenheiro-mór do reino Fr. João Turreano e da direcção dos trabalhos o conde de Cantanhede D. Antonio Luiz de Menezes e o engenheiro Matheus do Couto.

Apesar da pedra fundamental ser lançada em 3 de julho de 1649, devido á falta de braços e dinheiro, que era necessario empregar na resistencia aos exercitos de Castella, só passados 50 annos se concluiu a egreja, que é de uma só nave, singela architectura, sendo de pouco merecimento artistico as ornamentações de talha e as esculpturas dos retabulos.

Antes, porém, de concluida a obra passou para o novo edificio toda a communidade, fazendo-se em 29 d'outubro de 1677 a trasladação de Santa Isabel para a egreja provisoria e mais tarde para a tribuna da capella mór do actual templo, onde se acha depositada em rico cofre de prata e crystal, offertado pelo bispo de Coimbra, D. Affonso de Castello Branco.

Junto á grade que divide o coro da egreja está o tumulo de pedra onde por mais de tres seculos jazeu o corpo da rainha. Bello monumento adornado a meio relevo com muitos lavores e imagens de apostolos e evangelistas. Tambem aqui existem os tumulos das infantas a que já me referi.

No mesmo monte da Esperança encontra-se o convento de S. Francisco, fundado por iniciativa de el-rei D. Manuel para substituir o que existia junto ao rio, arruinado pela violencia das correntes.

A chronica do actual edifiio não contém acontecimento notavel que se relacione com o assumpto que me propuz tratar, a não ser ter n'elle fallecido o principe de Ceitava, D. Filippe, que os nossos aprisionaram na ilha de Ceylão.

O antigo mosteiro que fundou o infante D. Pedro, irmão

de D. Affonso II, e que pela reconstrucção mandada fazer por D. Constança Sanches, filha bastarda de D. Sancho I, ficou em bellissimas condições de ser aproveitado como ponto estrategico, foi theatro de duas scenas guerreiras.

N'elle se acolheu com seus frécheiros El-rei D. Diniz, para se defender dos ataques do filho rebelde e durante alguns dias aquellas sagradas muralhas defenderam El-rei e evitaram que as paginas da nossa historia ficassem manchadas por um horroroso parricidio.

Quando, por instigações do nosso traidor infante D. Diniz, se renovou a guerra entre D. Henrique II e D. Fernando, foi este convento cercado pelo exercito estrangeiro e convertido em quartel general, alojando-se n'elle por algum tempo o rei de Castella e o infante que commandavam as tropas castelhanas. Foi ainda n'este mosteiro que se reuniram as celebres cortes de Coimbra, onde a persuasiva e eloquente voz do chanceller João das Regras, defendeu os direitos do mestre d'Aviz á successão do throno.

Aveiro e Odivellas.—Na regencia do infante D. Pedro, pela menoridade de seu sobrinho, havia entre as damas do paço e muito affeiçoada da infanta D. Isabel, D. Brites Leitôa depois casada com Diogo de Athaide, fidalgo da casa d'El-rei.

Morto D. Pedro em Alfarrobeira, não quizeram estes fidalgos continuar ao serviço da côrte em convivencia com os duques de Barcellos, retirando para a sua quinta em Oucca proximo de Aveiro. Enviuvando D. Brites, edificou dentro da villa o convento de Jesus, de freiras dominicanas, cuja pedra fundamental foi lançada em 15 de janeiro de 1461 por D. Affonso V, e n'elle se recolheu com suas duas filhas e D. Leonor de Menezes, tambem dama da côrte e filha do valoroso D. Duarte.

A princeza D. Joanna, logo que falleceu D. Isabel, manifestou desejos de entrar para o convento onde tinham professado as amigas e companheiras de infancia de sua mãe; mas não logrou os seus desejos por que a côrte se oppoz, visto ser ella a herdeira da corôa, caso viesse a faltar o principe D. João.

Simulou por muito tempo ter desistido do seu intento, mas quando seu pai voltou victorioso da conquista d'Arzilla apro-

veitou o ensejo para renovar o pedido, obtendo deferimento d'El-rei, na condição porém de recolher-se ao mosteiro de Odivellas, por assim ficar mais proximo da côrte e em companhia de sua tia materna D. Pilippa, que ao tempo se encontrava ahi recolhida.

Passados dois mezes, e depois de muitos rogos, conseguiu a transferencia para o mosteiro de Jesus, onde entrou em vespera de S. Domingos no anno de 1472, com sua tia que, por instancias do rei, a acompanhou para de mais perto a vigiar. Tendo recusado casamento com Ricardo III, com seu primo o imperador Maximiliano e com o filho primogenito de Luiz XI, professou com o nome de Soror Joanna da Corôa de Espinhos, sendo mais tarde coagida a renunciar ao habito, para o que muito contribuiu o conjurado bispo d'Evora, D. Garcia de Menezes.

N'este mosteiro se conservou e falleceu em 12 de maio de 1490, sendo beatificada por bulla de 4 d'abril de 1693 e depositados mais tarde os seus restos mortaes n'um soberbo mausoleo de pedra, mandado construir na India por D. Pedro II, cuja descripção se acha no Portugal Glorioso.

Para esta casa religiosa entrou com tres mezes de edade, para ser creado sob a vigilancia de suas tias, o menino D. Jorge, filho bastardo de D. João II e que tanto contribuiu depois para as desintelligencias domesticas entre El-rei e a virtuosa rainha D. Leonor.

Descriptos os principaes factos que se relacionam com este edificio, passarei ao convento de Odivellas para onde voltou D. Filippa, logo que em Aveiro falleceu sua sobrinha.

Segundo refere a lenda, o mosteiro em Odivellas de religiosas de S. Bernardo, foi fundado por D. Diniz em virtude d'um voto que fizera S. Luiz se o livrasse das garras d'um urso que o assaltou n'uma caçada proximo de Beja.

Do que não resta duvida é que tendo el-rei recolhido a Lisboa da sua viagem no Alemtejo, partiu immediatamente com a côrte e o bispo D. João Martins, de Soalhães para a sua quinta de Odivellas, onde lançou a primeira pedra do templo, em 27 de fevereiro de 1295, consagrando-o desde logo a

N.ª Senhora, a S. Diniz, e a S. Bernardo, ficando o primeiro santo como patrono da egreja, circumstancia que se não harmonisa muito com a lenda, posto que esse successo se ache representado no mausoleo do fundador. Este edificio, que levou dez annos a construir, sob a direcção do architecto Affonso Martins, foi no reinado de D. João IV completamente reconstruido pelo risco de Fr. João Turreano.

D'esse grande mosteiro, composto de diversos corpos sem regularidade e symetria e que de ha muito se achava em ruinas, quasi nada resta, porque n'esse local se construiu ultimamente o Instituto D. Affonso, destinado a recolher as filhas dos militares fallecidos nas nossas possessões ultramarinas.

O templo, que tem passado por muitas modificações, ainda mostra em diversas partes alguns specimens da sua primitiva fabrica, não se recommendando todavia por bellezas de architectura e ornamentação.

O que se torna mais importante n'esta egreja é o tumulo do fundador por elle proprio mandado fazer poucos annos depois de concluido o mosteiro.

Este monumento, de pedra de Ançã, descança, sobre seis figuras de animaes de differente especie, que se não podem bem classificar, por serem de esculptura pouco perfeita e em parte mutilada; reconhecendo-se, porém, que uma d'ellas representa um urso em lucta com um homem. Sobre a campa está deitada a estatua do monarcha com vestes reaes. Em cada uma das faces lateraes ha quatro arcos de architectura gothica e em cada um d'elles um nicho com duas freiras, em vulto, tendo livros na mão. Na face da cabeceira, uma estatua de rei, com as mãos postas e de joelhos aos pés d'um prelado, e na face opposta um arco semelhante aos lateraes, tendo as freiras cofres em vez de livros.

Por iniciativa do distincto director das Obras Publicas, o sr. general Cabral Couceiro, fanatico admirador dos nossos monumentos, determinou o conselheiro Emygdio Navarro, em portaria de 12 de setembro de 1887, que o fallecido e abalisado archeologeo José Maria Nepomuceno restaurasse este mausoleo que se achava mutilado e com seus ornatos e lavores barrados de grosseiras argamassas.

Na capella-mór estão sepultados o infante D. João, filho de D. Affonso IV e a filha bastarda do fundador D. Maria Garcia, que foi freira n'este mosteiro. Na sachristia existe ainda a sepultura de D. Filippa; mas o seu corpo foi trasladado, um anno depois de fallecer, para a egreja da Batalha.

Este convento, que a serem verdadeiras as informações dadas por D. Leonor de Menezes em cartas dirigidas á princeza D. Joanna já não gosava ao tempo de bons creditos, tornou-se no reinado de D. João V uma arena de sedução, onde o proprio monarcha, qne legislava contra os freiraticos, não contente com os galanteios palacianos e as embuscadas nas viellas ás mulheres do povo, passava noites inteiras em mysteriosas entrevistas, deixando que apoz elle os poetas, os fidalgos e os frades caminhassem na mesma vereda de voluptuosidade.

Se os lausperennes e jejuns, as orações e as exequias lhe não purificaram a alma, que a protecção que deu ás letras e ás artes sejam attenuantes dos autos de fé que authenticou e da sua beata prodigalidade.

Alcobaça. — Ainda que alguns escriptores o ponham em duvida, asseveram todos os chronistas da Ordem de Cister, que o mosteiro d'Alcobaça foi fundado por D. Affonso Henriques, em cumprimento de voto feito a S. Bernardo se conseguisse tomar Santarem aos mouros.

Alcançada a victoria, lançou El rei em 2 de fevereiro de 1148 a pedra fundamental d'esse grande edificio que D. Sancho e D. Affonso II continuaram e a que o almirante castelhano D. Thomaz Henriques chamou Templo de Salomão.

Era de facto um extenso e sumptuoso mosteiro que levou a construir quarenta annos approximadamente.

Compunha-se de cinco claustros, sete dormitorios, espaçosas enfermarias e refeitorio para 999 monges; tornando-se notavel a cosinha, que um braço do rio Alcôa, depois de a atravessar e lavar-lhe o pavimento, enchia grandes tanques onde os frades tinham sempre muitos e variados peixes.

Aqui se guardou durante 450 annos o grande caldeirão de cobre tomado por Gonçalves Rodrigues na batalha de Alju-

barrota. Quando Filippe II visitou Alcobaça, aconselharam alguns fidalgos castelhanos que mandasse fundir em sino esse padrão de opprobio para a Hespanha; mas El-rei não acceitou o alvitre—porque soando tanto como caldeira, muito mais estrondo faria depois da transformação.

Este valioso utensilio desappareceu pela extincção das ordens religiosas, existindo apenas hoje uma legenda na pedra que o sustentava e a seguinte quadra muito em voga na localidade:

No anno de trinta e quatro
Lá se foi o caldeirão!
Só nos ficou por memoria
Um visconde... e a inscripção.

No ambito do mosteiro ha seis capellas, sendo de primorosa architectura da renascença a de Nossa Senhora do Desterro, fundada no seculo XVI por Fr. João Paim e que hoje serve de capella ao cemiterio publico, em que se transformou o jardim que lhe ficava fronteiro.

N'este convento dava-se hospedagem gratuita e franca a todos que pedissem agasalho, matava-se a fome aos pobres e forneciam-se-lhes os remedios de que necessitavam; todos os dias se fabricavam vinte e quatro alqueires de pão para distribuir na portaria, afóra os vinte e cinco moios de trigo que se davam pela Semana Santa.

Os rendimentos chegavam bem para as despesas de tão grande communidade e ainda para accumulação de capitaes.

Além da fertilidade da cerca e dos vastissimos terrenos que El-rei avistara do alto da serra de Albardos, quando fez a promessa de fundar o mosteiro, e que depois se denominaram Coutos d'Alcobaça, possuiam tambem o rendimento de muitos fóros e dos portos de S. Martinho, Paredes e Pederneira.

Os abbades, ao principio perpetuos, foram depois triennaes; celebravam de pontifical, eram superiores da Ordem de Christo, Capitães-móres dos Coutos, com jurisdição civil e criminal em 13 villas e seus termos. Pelo decorrer dos tempos perderam algumas d'essas regalias, que mais tarde foram restituidas por D. João IV, para attenuar as iras de Roma e conseguir ser reconhecido réi pelo pontifice.

A capella-mór da egreja, passando por diversas reconstrucções, acha-se muito alterada não só na fórma geral, mas ainda nas decorações primitivas.

Existem n'este templo sepultados D. Affonso II, D. Affonso III, D. Brites, D. Urraca e muitos outros infantes em bellos tumulos, entre os quaes se salientam, como munumental obra d'arte, o de D. Pedro e D. Ignez de Castro.

Longo e difficil seria enumerar os monges que n'este mosteiro habitaram e que tanto engrandeceram com suas obras a nossa litteratura; basta para lustre d'essa lista mencionar Fr. Manuel dos Santos, Antonio e Francisco Brandão, Raphael de Jesus e Bernardo de Brito.

Além de D. Pedro Affonso, filho bastardo do conde D. Henrique, que depois de ser bravo guerreiro se fez frade n'este mosteiro, foram n'elle abbades perpetuos o Cardeal D. Affonso, filho d'el-rei D. Manuel, e a seguir o Cardeal D. Henrique, que d'este convento saiu para ser acclamado rei.

Ha poucos mezes concluiu-se a restauração do claustro de D. Diniz e iniciaram se as reparações nas capellas da Charola; parece porém que este ultimo trabalho não corresponde, infelizmente, á magnificencia da obra de talha com que aquellas capellas se acham adornadas.

Bussaco. — Apesar de na Hespanha se terem fundado varios mosteiros de deserto, em Portugal, apenas se edificou o do Bussaco por iniciativa da provincia dos carmelitas descalços, em terrenos e mattas offertados pelo bispo de Coinbra, D. João Manuel. Sob a direcção do vigario Fr. Thomaz de S. Cyrillo e Alberto da Virgem, teve começo a construcção do edificio em 7 de agosto de 1628 e em 19 de março de 1630 celebrou-se a primeira missa na egreja, principiando logo no mosteiro a vida regular da communidade.

Edificio vasto e espaçoso, contrastava pela singeleza e acanhamento da sua traça com a riqueza e pompa dos frondosos arvoredos de vegetação exuberante da bella e soberba floresta que o circumda. E digo contrastava, porque em 1877 a bibliotheca e outras dependencias foram transformadas em aposentos para a rainha Sr.ª D. Maria Pia, e mais tarde a maior parte

do velho cenobio demolida e sacrificada á construcção da monumental hospedaria que actualmente ali existe.

A livraria, offerecida pelo bispo-conde, D Joanne Mendes de Tavora, foi removida para a bibliotheca da Universidade. Na antiga hospedaria, que occupava a parte norte do mosteiro, estavam os aposentos que serviram de quartel general a Lord Wellington por occasião da batalha do Bussaco.

O claustro, acanhado e sombrio, tem nas paredes, molduradas em cortiça, uma grande variedade de pinturas que, apesar de se não recommendarem por merecimento artistico, deveriam ser com esmero conservadas, visto representarem o mysticismo dos seus antigos habitantes.

A egreja, de pobre architectura, é em fórma de cruz, tendo em vez de porta principal, duas lateraes que se abrem no topo dos braços. Em harmonia com os estatutos da ordem, tudo é despido de ornamentação e grandeza, salientando-se pela perfeição da esculptura as imagens de S. Pedro e Maria Magdalena, que o nosso distincto poeta Bulhão Pato tão primorosamente descreve nas suas «Digressões e Novellas».

Este mosteiro que tem sido visitado por varias pessoas reaes serviu de logar de desterro a Joaquim Placido Galvão, prior de Monsaraz; D. Antonio Cabral da Camara, bispo de Bragança; D. Fr. Miguel da Madre de Deus, arcebispo de Braga; D. Bernardo Beltrão, bispo de Pinhel e aos dois filhos bastardos de D. João V, D. José e D. Antonio.

Não está ainda sufficientemente esclarecido quaes as causas que motivaram a prisão dos *Meninos de Palhavã*, a quem D. José tinha confirmado o reconhecimento e dado as honras e grandezas que seu pae recommendára.

Attribuem uns esse castigo á falta de approvação no Santo Officio do livro «De Putestate Regia», elaborado pelos auspicios do intendente Ferreira Souto e conde de Oeiras, e outros a terem-se ligado ao nuncio Acciajouli para uma nova conjuração jesuitica.

Houvesse ou não fundamento n'essas accusações, o que não resta duvida é que na madrugada do dia 20 de julho de 1760 foram os dois Braganças presos no palacio de Palhavã e

desterrados para o Bussaco, onde estiveram 16 annos, pois que só no reinado de D. Maria I se lhes restituiu a liberdade.

Entre os diversos conventos que existiram em Lisboa e suas immediações alguns houve, como o de Santos, Salvador, Santa Martha, Francezinhas, S. Domingos, S. Vicente, Corpus Christi, Estrellinha, S. Francisco, etc. fundados por iniciativa regia; mas referir-me-hei apenas a cinco que mais frequentados foram por pessoas reaes.

Carnide.—Entre os captivos que ficaram em Argel, pelas conquistas de D. Affonso V, estava um Pero Martins que, conseguindo libertar-se e voltar á patria, edificou em 1463 junto á fonte da Machada, uma pequena ermida com a invocação da Senhora da Luz, proximo á qual em 1543 mandou El-rei D. João III, emquanto não edificasse convento apropriado, construir uma habitação, para que os Templarios praticassem ahi as devoções e zelos que floresciam em Thomar, onde existia o capitulo geral da Ordem, a que algumas vezes presidiram os nossos reis.

Foi no reinado de D. Sebastião e regencia de D. Catharina que se cumpriu a promessa de D. João, fazendo-se o convento dos thomaristas, e tal foi a dedicação que a infanta D. Maria, filha do terceiro matrimonio de D. Manuel, tomou pelo convento e devoção pela Senhora da Luz, que incumbiu ao architecto Jeronimo de Ruam a construcção d'um novo templo a que a propria infanta lançou a pedra fundamental em 13 de junho de 1575 no mesmo local da primitiva egreja.

A não ser a magestosa capella mór, que ainda existe com o tumulo da fundadora, tudo o mais foi destruido pelo terremoto de 1755 e n'esse estado se conservou até mais tarde se transformar em adro o que era corpo da egreja, destruindo-se valiosas columnas de marmore e fazendo-se uma frontaria ridicula e impropria de tão importante edificio relioso.

Quando em 1896 o sr. general João Gualberto Ribeiro d'Almeida obteve do governo auctorização para que fosse convenientemente reparado o historico templo, libertando-o das incorrecções da primeira reedificação, tive eu a honra de ser

nomeado para dirigir esse trabalho, e como n'essa mesma occasião fui encarregado do orçamento para a egreja de S. Lourenço, lembrei a conveniencia de ser applicado esse dinheiro na ampliação da egreja da Luz e transferencia da freguezia para este templo, riquissimo specimen de esculptura e architectura do seculo XVI. Não se realizou o meu alvitre, que tão acertado me parecia, porque a elle se oppozeram influencias politicas e locaes.

Na parede exterior da capella-mór e aos lados da fonte, estão gravadas duas inscripções, terminando uma com os seguintes dizeres «A rainha D. Leonor, Infanta de Castella, mandou reedificar o templo de novo nesta ordenação e grandeza no anno de 1575», N'esta inscripção ali collocada muito posteriormente á fundação do convento commetteu-se o grave anachronismo de attribuir a construcção da capella em tal epoca a D. Leonor, que enviuvando de D. Manuel em 1521, partiu logo para o estrangeiro e depois de enviuvar de D. Francisco I, falleceu em Castella no anno de 1558.

Em 1642 fundou n'esta freguezia a princeza Michaela Margarida, filha de Rodolfo II d'Allemanha, um convento de carmelitas descalças, consagrado a Santa Thereza, onde se recolheu, falleceu e está sepultada. Mais tarde foi este edificio augmentado pela filha bastarda de D. João IV, D. Maria, que n'elle foi educada e solemnemente reconhecida em presença da familia real e da côrte e tendo vivido sempre ahi recolhida sem professar, falleceu em 1693, achando-se o corpo depositado em tumulo no côro da egreja.

N'este mosteiro foi tambem educada, sob a direcção de sua tia, D. Luiza, filha illegitima de D. Pedro II, e que depois de reconhecida no reinado de D. João V casou com o duque de Cadaval D. Luiz de Mello e em segundas nupcias com seu cunhado D. Jayme, estribeiro-mór de D. João.

Este edificio, que tem soffrido muitas modificações, encontra-se hoje principalmente occupado pelas Irmãs das Missões Ultramarinas de S. José de Culny.

Carmo. — Quando na sessão de 11 de março do corrente

anno apresentei o alvitre, que depois foi publicado no nosso *Boletim*, para a trasladação dos restos mortaes do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, historiei a fundação do convento de N.ª S.ª do Monte do Carmo, as profanações n'elle commettidas e a conveniencia e possibilidade de reconstruir a egreja de N.ª S.ª do Vencimento.

Posto que a historia d'este edificio dê assumpto de sobejo para largas e interessantes conferencias, não abusarei agora da vossa benevolencia.

O meu alvitre encontrou echo na Associação dos Archeologos; o meu dilecto amigo e nosso illustre consocio, Rosendo Carvalheira, apresentou depois n'aquella prestimosa Associação outra proposta identica, que foi tambem ali calorosamente acolhida e approvada.

Congreguemo-nos, pois, todos para veridicar o abandono a que se encontra votado o Santo Condestavel e aquelle conjuncto de artes e tradições gloriosas, fundado por um progenitor de principes e reis, tumulo de tantas pessoas illustres e onde professou D. João Manuel, filho bastardo de D. Duarte, depois bispo de Ceuta e capellão muito querido de D. Affonso V.

Esperança — Duas palavras, apenas, ácerca do convento que existiu no Largo da Esperança e que ha poucos annos foi mandado arrazar pela Camara Municipal.

Na quinta denominada da Sizana edificou D. Isabel de Mendanha em 1530 um mosteiro para senhoras nobres, dedicado á Virgem da Piedade, mandando vir para elle nove freiras da Conceição, do Funchal, e duas de Santa Clara, de Santarem, elevando-se depois a sessenta o numero de religiosas, na maior parte fidalgas.

Mais tarde, estabeleceu-se na egreja uma confraria de pilotos e mestres nauticos, chamada de N.ª S.ª da Esperança, denominação que veio a prevalecer sob o orago da egreja.

D. Joanna d'Eça, viuva de Pedro Gonçalves da Camara e camareira-mór da rainha D. Catharina, mandou reedificar este convento onde recolheu suas filhas.

Raczinski diz que a egreja tinha um aspecto pittoresco;

mas que os azulejos do portal eram de desenho simples e estylo rocócó, como quasi todos que representam grupos de figuras e ornamentos architectonicos.

Alberto Haupt, architecto allemão, deu grande valor ao mosteiro, principalmente á originalidade do mirante, muito parecido ao que ainda hoje existe no convento de Jesus, em Setubal.

A rainha D. Catharina d'Austria construiu junto d'esta casa religiosa um hospicio, que poz em communicação com o côro para acompanhar as freiras nos officios divinos.

Para este mosteiro foi, em 21 de novembro de 1667, fugida do paço, D. Maria Francisca Isabel de Saboya, para intentar acção de nullidade de matrimonio e n'elle se conservou emquanto se não resolveu esse escandaloso processo.

O habito d'esta rainha, de setim bordado a prata e perfeitamente conservado, existia no espolio do fallecido amador de antiguidades Dr. Teixeira d'Aragão, sendo adquirido pelo Governo para o museu das Janellas Verdes.

Madre de Deus.—A rainha D. Leonor de Lencastre que apesar de ter sido um exemplar de abnegações e virtudes, passou por tantos e tão profundos desgostos, entregou-se sempre á pratica de obras piedosas; e depois de instituir a confraria da Misericordia, em cujo compromisso achava soccorro e resignação toda a longa escala das miserias humanas, resolveu abandonar o enganoso fausto da côrte e procurar conforto ás suas maguas na humildade d'um recolhimento.

Para isso, e depois de varias tentativas, fundou na Horta das Conchas, no logar de Enxobregas, o mosteiro da Madre de Deus e fazendo communicar os seus paços com esta casa religiosa, n'ella passou os seus ultimos annos entregue a piedosa devoção. Não descreverei o mosteiro, porque a sua monographia, magistralmente tratada pelo nosso prestimoso consocio e sempre saudoso Liberato Telles, encontra-se já publicada no *Botelim* d'esta Associação.

Limitar-me-hei a transcrever um trecho d'essa monographia: «A egreja da Madre de Deus é incontestavelmente um monumento nacional, não só por nos memorar uma epoca impor-

tante da nossa historia, como pelas preciosidades artisticas que ali se encerram. A egreja é ainda um museu recomendavel e talvez mesmo unico no seu genero. A arte depara-se ali a cada momento, ora exhibida em magnificos trabalhos de caprichosa talha, ora n'aquelles bellos quadros de magnificos azulejos e n'aquelles envasamentos d'uma extraordinaria opulencia de desenho, ora n'aquellas riquissimas télas, que teem produzido a admiração de nacionaes e estrangeiros. Tudo que deixo dito é relativamente pouco attendendo á importancia da egreja e seus annexos; cumtudo julgo ser o bastante para que se fique conhecendo o que é a egreja da Madre de Deus, que com tanta justiça e com tão justificadas razões devia ser considerada de ha muito um dos monumentos nacionaes mais dignos de tal classificação.»

Ha seis annos que isto se escrevia, sem que até hoje a auctorizada opinião do distincto archeologo tivesse sido aproveitada. Se na propria capital existe ainda um tão importante edificio não classificado officialmente monumento nacional, podemos bem calcular quantas preciosidades e valiosas antigualhas se não encontram espalhadas por esse paiz fóra perdidas ou deturpadas não só pela acção do tempo, mas ainda pelas vandalicas mãos de ignorantes e especuladores.

A benemerita Associação dos archeologos, o douto Conselho dos monumentos nacionaes, e a propaganda insistente de estudiosos amadores, teem indubitavelmente contribuido para conservar uma parte das nossas passadas grandezas; mas se alguma cousa se tem conseguido muito resta ainda a fazer, principalmente no que respeita aos monumentos, tanto immoveis como mobiliarios pertencentes a particulares e corporações administrativas.

As leis de 24 d'outubro e 30 de dezembro de 1901, referendadas pelo sr. conselheiro Vargas, conteem todas as disposições necessarias para classificar e proteger os nossos monumentos; contanto que ellas sejam rigorosamente postas em pratica e sem contemplações de qualquer natureza na execução dos artigos 4.º e 5.º do ultimo decreto.

Logo que a actual relação dos monumentos nacionaes seja convenientemente ampliada e depois approvada pelos poderes

superiores, deve consignar-se no orçamento do estado verba sufficiente para a restauração, reparação e conservação d'esses monumentos.

Quando o Conselho superior, em cumprimento da lei, tiver elaborado as monographias dos mais importantes monumentos, conveniente se torna que essas publicações, em vez de se amontoarem nos archivos, como succede a muitas outras, sejam profusa e gratuitamente distribuidas pelo povo, a quem é necessario estimular a sensibilidade e o amor pelos nossos monumentos historicos e artisticos.

Que á semelhança do museu dos coches reaes, creado pela louvavel iniciativa de S. M. a Rainha Senhora D. Amelia, todos os mais existentes, e os districtaes que convém estabelecer, sejam franqueados ao publico, onde bem elaborados catalogos e empregados intelligentes elucidem e esclareçam minuciosamente os visitantes, para que não passem, como hoje succede, por todas as salas e galerias sem conhecer o valor e o alcance das preciosidades ahi collecionadas. E já que fallei em museus, permitti-me que ao terminar esta minha palestra, e sem olvidar quanto devemos aos benemeritos nomes de Fr. Manuel do Cenaculo, Dr. Augusto Filippe Simões, Joaquim Possidonio Narciso da Silva, Carlos Ribeiro, Monsenhor Joaquim Maria Pereira Botto, Dr. Leite de Vasconcellos, Conselheiro Pereira de Miranda e outros mais, deixe aqui consignado um preito de gratidão á gloriosa memoria do illustre general Eduardo Ernesto de Castelbranco. Desvellado admirador dos monumentos militares entregou-se á ardua e piedosa tarefa de colligir no museu de Artilheria os antigos petrechos de guerra e as rasgadas bandeiras que outr'ora acompanhavam os nossos soldados nas gloriosas luctas em defeza dos interesses e da independencia da Patria. O melhor tributo de respeito que podemos prestar á memoria de tão valioso cidadão consiste em ser aquelle museu amiudadas vezes visitado pelo publico, e principalmente pelas escolas e pelos soldados de todos os regimentos, para que a presença de tão venerandas reliquias, relembrando as remotas tradições de gloria, despertem as virtudes civicas e o brio militar que longos annos de paz teem feito adormecer.

Acabaram-se as ordens monasticas, mas ficaram-nos esses monumentos importantes, que considerados artisticamente ou encarados pelo lado historico, são dignos das nossas attenções e desvellos.

Urge, pois, que nós todos, por uma propaganda constante, excitemos o gosto pelas obras d'arte e o respeito e vigilancia pelas produções artisticas das gerações que nos precederam.

Concluindo, agradeço aos meus antigos condiscipulos, srs. Victor Ribeiro e Alberto Maya, alguns esclarecimentos que se dignaram facultar-me; e a todos os collegas presentes a sua benevola attenção.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF

DPB
0003724

01822255

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 07 19 09 002 5